

Café com História organizado pelo assentamento Terra Prometida
Museu Vivo do São Bento / CRPH e SEDAC

Entrevistadora:

Marlúcia Santos de Souza

Entrevistados:

Ana Beatriz de Carvalho(Bia)

Bianca Gomes

Carlos Antônio da Cruz

Carlos Elias Piedade

Cosme Igor e Miranda

Erlei Rodrigues

José Antônio da Silva

Juliana Gomes Moreira

Miriam Firmino de Oliveira

Transcrição:

Júlia Martiniano

[01:04] **Entrevistadora:** Estamos aqui no Café com História, organizado pelo Assentamento Terra Prometida, Museu Vivo do São Bento/CRPH. Então, estamos aqui para fazer um pouco a memória da história desse assentamento. Vamos começar aqui. Qual o seu nome?

[01:25] **José:** José Antônio da Silva.

[01:27] **Entrevistadora:** O senhor nasceu quando?

[01:29] **José:** 1957.

[01:32] **Entrevistadora:** O senhor nasceu aonde?

[01:33] **José:** Pernambuco.

[01:35] **Entrevistadora:** Pernambuco?!

[01:35] **José:** É.

[01:36] **Entrevistadora:** Como é que veio parar aqui no Rio de Janeiro?

[01:39] **José:** Assim, sempre trabalhei com empresa. Trabalhando, viajando... Entendeu? Aí chega um ponto... Trabalhando, trabalhando, trabalhando, trabalhando... Aí chegou um ponto que... Eu ia me aposentar com cinquenta e três anos, aí passaram pra sessenta. Aí quando eu fiz sessenta, passaram pra sessenta e cinco. Aí eu falei assim - não sei se é ignorância da minha parte - eu falei: "Não vou pagar nenhum INPS mais não. Eu vou pra roça.". Aí eu fui no acampamento no Marli, lá em Ponte Coberta, aí eu cheguei lá, não teve um cantinho pra mim ficar e eu vim parar aqui.

[02:21] **Entrevistadora:** Sim. Aí veio parar aqui. Quando é que o senhor chegou aqui?

[02:24] **José:** Eu cheguei no dia 26 de agosto de 2017.

[02:38] **Entrevistadora:** 2017 que o senhor chegou aqui? E o senhor tem o seu sítio então hoje?

[02:43] **José:** Eu tenho o sítio, só não tenho o documento ainda. Mas já tô plantando umas coisinhas... Já dá até pra se alimentar bem.

[02:50] **Entrevistadora:** Ah! E o que que o senhor tá plantando?

[02:53] **José:** Eu plantei bastante bananeira, entendeu? Cana, coco, laranja e aipim, entendeu?

[03:05] **Entrevistadora:** Tá ótimo. Muito bom! Então, vamos passar ali... E você? Seu nome...

[03:12] **Bia:** Eu sou Ana Beatriz, mas todo mundo me conhece como Bia, Bia Carvalho. Sou filha de agricultores que foram assentados na primeira ocupação do processo de luta pela terra na Baixada, na década de oitenta, que foi Campo Alegre - eu tava com quatro anos - e sou resultado um pouco dessa síntese da luta pela terra na Baixada Fluminense. É... Comecei organicamente a participar do movimento em 2002...

[04:46] **Entrevistadora:** Bia, você falou que você com quatro anos estava no assentamento já com seus pais. Aonde ficava esse assentamento?

[04:56] **Bia:** Esse assentamento fica entre Nova Iguaçu e Queimados. Pega dois municípios da Baixada Fluminense. Na época foi nove de janeiro de oitenta e quatro e eu tava com quatro anos. Meus pais são mineiros, eram meeiros em Minas Gerais, e vieram pro Rio de Janeiro na saga de melhorar de vida e... Cristo Redentor de braços abertos, né? Para acolher todos os trabalhadores. E aí meu pai trabalhou na construção civil. E aí em oitenta e quatro ele ficou sabendo, através da igreja católica, na Diocese de Nova Iguaçu, com a retomada da possibilidade de ter um pedaço de terra. E aí foi com a família. E eu tava com quatro anos e a minha família tá lá até hoje. E eu vim contribuindo aí na luta pela terra, pelo Movimento Sem Terra. E hoje eu conheci meu companheiro e tô assentada aqui no Assentamento Terra Prometida e tenho uma filha de seis anos, a Ana Sofia.

[06:00] **Entrevistadora:** E você... Quando é que você chegou aqui na Terra Prometida?

[06:05] **Bia:** Então, foi quando a gente sai de Santa Cruz, que é onde tá instalada a CSA, que era pra ser o Assentamento Terra Prometida, né? Ser organizado lá. Mas o interesse do Estado de instalar a Companhia Siderúrgica faz um processo de negociação da retirada das famílias pra vir pra um outro lugar. E aí, nesse momento, como eu e meu companheiro a gente resolve ser assentado, a gente começa a se organizar pra poder vir pro Terra Prometida. Aí já é nesse território aqui de Nova Iguaçu e Duque de Caxias, né? Então, a gente vem pro território ainda de Nova Iguaçu, que é nove quilômetros de distância, que é a JR Paraíso, e depois a gente vai e ocupa essa área aqui, que é a Fazenda Sempre Verde, um ano depois. E assim, a promessa era de fazer o assentamento em seis meses, né? Ter casa, energia, estrada... E aí os anos foram se passando e não foi implementado esse direitos básicos. Mas a gente seguiu na resistência e tamo aí na luta até hoje afirmando que é direito nosso ter estrada,

energia elétrica, habilitação, crédito, enfim, afirmando os direitos básicos pro desenvolvimento do assentamento. Mas mostrando que a conquista da terra ela é importante, mas é fundamental garantir direitos pra esse desenvolvimento acontecer.

[07:37] **Entrevistadora:** Agora, Bia, você estava lá em Campo Belo, né?

[07:40] **Bia:** Campo Alegre.

[07:41] **Entrevistadora:** Campo Alegre. Como é que você de Campo Alegre foi parar no assentamento de Santa Cruz?

[07:48] **Bia:** Então, porque em primeiro lugar os lotes lá são três hectares, né? E a família é grande. E assim, principalmente a juventude, né? A gente olha pra situação de concentração de terra no Brasil... E esse processo ainda - que o campo ainda é muito pobre - e vem o desejo da gente contribuir com a luta, porque um dia outras pessoas contribuíram com os meus pais pra possibilidade deles chegarem até a terra. Então, assim... E quando o movimento foi fazer o convite pra eu participar do Encontro de Jovens na Unicamp, em 2001... 2001 foi o processo de trabalho, de conversa, de diálogos... E em 2002 convidam a Juventude de Campo Alegre pra participar do Encontro Nacional dos Jovens sobre a realidade do meio rural. A gente vai e se encontra com aquela Juventude inteira, né? Mais de quatro mil jovens do Brasil inteiro que tá vivendo a mesma situação que a gente. Que tá discutindo educação, saúde, o processo da luta pela terra, reforma agrária... E aí você fala assim: "Cara, o quê que a gente pode contribuir com isso que tá aí, né?". E aí a gente já veio de lá assim, querendo contribuir mais com o movimento no Estado...

[09:16] **Entrevistadora:** E ao mesmo tempo também ter o seu próprio pedaço de terra.

[09:18] **Bia:** É. E aí a gente veio contribuindo até o dia em que a gente falou assim... A gente foi contribuindo com outras pessoas pra acessar a terra, e aí a gente falou assim: "Não, agora é o momento da gente também ter a nossa família e ser assentado.". E aí vem o momento da gente querer definir que a gente também quer lutar por um pedaço de terra, e vem pro Assentamento Terra Prometida. Tem um processo de construção aqui de assembleias e tudo mais... E a gente faz uma consulta pra ingressar junto com a família, digamos assim, do Terra Prometida, pra ser assentado também.

[09:54] **Entrevistadora:** E todo mundo aceitou vocês?

[09:56] **Bia:** Sim.

[09:58] **Entrevistadora:** Depois nós vamos conversar um pouquinho sobre como é que é viver nesse assentamento. Mas vamos continuar... Seu nome?

[10:08] **Bianca:** Meu nome é Bianca. Nasci em 26/06/1976. Tenho dois filhos, um de vinte e dois anos, que ele é autista, e um de seis anos. Eu cheguei... Eu conheci o movimento quando eu fui pro acampamento Marli Pereira da Silva.

[10:31] **Entrevistadora:** Onde fica?

[10:32] **Bianca:** Esse acampamento fica em Paracambi, na beira da estrada. Nove anos na beira da estrada e a terra não saiu. E eu vivia ali com a minha família, meus dois

filhos, eu... Eu e os meus dois filhos. E com isso veio essa proposta de vir aqui pro Terra Prometida. Porque visto que lá não tinha perspectiva de sair, eu falei: “Não, eu quero agora estar em cima de uma terra e morar e produzir.”. E aí eu vim pra cá, né? Teve essa reocupação dos lotes no dia 17 de fevereiro de 2017.

[11:11] **Entrevistadora:** Quer dizer, a Bia também chegou aqui em 2017?

[11:13] **Bia:** Não. 2006/2007.

[11:16] **Entrevistadora:** Então, 2017 os dois?

[11:17] **Bianca:** Sim. É a saída de Santa Cruz pra cá. Eu tava lá no acampamento e viemos pra cá, né? Reocupação dos lotes, visto que tinha alguns lotes vazios e a terra não é pra ficar ociosa, né? Ela tem que dar função social a essa terra, né? Então, eu vim morar e produzir em cima dessa terra.

[11:43] **Entrevistadora:** Agora, deixa eu te perguntar: você viveu um bom tempo nesse acampamento lá de Paracambi?

[11:48] **Bianca:** Sim.

[11:49] **Entrevistadora:** E como é que você foi parar lá?

[11:51] **Bianca:** Eu vim... Eu era da cidade. Minha família não é da roça, né? Eu tinha uma vida totalmente da cidade. No processo que tem aquela crise financeira de 2009 e teve um alto índice de desemprego, né? E ao mesmo tempo eu fiquei viúva, né? Com um filho autista, né? Então, o quê que eu ia fazer? E o meu filho queria ir pro acampamento. Então, foi um novo desafio pra mim, né? De ir pro acampamento, num processo também muito depressivo, né? E foi o acampamento que me acolheu, sabe? Então, o MST é uma família pra mim, sempre foi. Porque o MST tem essa riqueza de curar, de acolher quem precisa e também se desafiar, né? Porque é um longo desafio pra mim também, né? Porque tudo era muito novo. Eu tinha perdido meu emprego, tinha perdido meu marido... E como é que eu ia viver numa nova perspectiva, né? E foi ali que eu aprendi. Tudo foi muito novo, tudo foi muito desafiador pra mim, mas eu agradeço tudo que aconteceu, sabe? Eu tenho uma imensa gratidão ao MST e a essa família, que foi a família da Baixada que nos acolheu, que acolheu eu e a minha família.

[13:48] **Entrevistadora:** Seu nome, então?

[13:50] **Erlei:** Erlei.

[13:52] **Entrevistadora:** E o senhor nasceu quando?

[13:54] **Erlei:** 21 de junho de 1945.

[13:57] **Entrevistadora:** O senhor nasceu aonde?

[14:01] **Erlei:** Num lugar chamado Boa Nova, no município de Santo Antônio de Pádua.

[14:04] **Entrevistadora:** Ah! Em Santo Antônio de Pádua! Conheço. E porque que o senhor saiu de Pádua?

[14:14] **Erlei:** Eu fui criado lá plantando arroz, feijão, milho, cana... muita plantação! Aí eu fiquei até os dezessete anos. Aí com dezessete anos eu saí e vim pra Volta Redonda, né? Eu vim ainda na Maria Fumaça pra Volta Redonda. Aí... Isso foi 1964. Aí eu fiquei em Volta Redonda trabalhando naqueles botequim lá. Trabalhei de cobrador na Retiro. São os três lugares que eu trabalhei em Volta Redonda. Aí em 1969 eu saí e vim aqui pra Baixada trabalhar de cobrador de ônibus. E aí morei três dias na Mesquita, depois eu vim pra Miguel Couto. De 1969 até 1975. Aí em 1975 houve um problema de família aí eu juntei tudo e fui lá pra favela, pra casa da minha irmã. Em 1975.

[15:08] **Entrevistadora:** Qual favela?

[15:10] **Erlei:** Lá do Arará. Benfica. Aí eu morei na favela até hoje. Tem quase vinte anos, né, Bia? De quando eu passei a morar no acampamento?

[15:27] **Bia:** É... Foi no Mario Lago, né? Foi em 2003, eu acho.

[15:38] **Erlei:** ã? 2003? Então... Aí eu tava trabalhando no trem, né? Aí...

[15:45] **Entrevistadora:** Vendendo coisas no trem?

[15:46] **Erlei:** Vendia coisas no trem. Vendia tesoura, caneta... Mais no trem em Caxias, né? Vendia neles tudo. Aí eu fiquei lá uns tempo lá na Dutra acampado lá com eles lá.

[16:02] **Entrevistadora:** Ah! Então o senhor depois foi pro acampamento...

[16:05] **Erlei:** Depois que eu vim com ela aqui pra cá.

[16:07] **Bia:** É porque a gente fez uma ocupação em 2003 chamada Mário Lago, na beira da Dutra, próximo de Queimados ali.

[16:17] **Erlei:** Nós tivemos acampados em dois lugares ali, né Bia?

[16:19] **Bia:** É.

[16:20] **Erlei:** Ali no Zé do Pico, no Posto do Zé do Pico, posto de gasolina, aí depois passamos pra esquerda da Dutra ali, ali do Sol da Manhã. Ali ficamos mais uns três meses ali. Aí depois parece que o acampamento acabou, o acampamento foi embaixo. Aí ela foi pra Valença mais o rapaz dela, o Cosme, e fomos quase para cada lugar. Aí eu queria ir pra Santa Cruz, mas não fui, acabei indo pra Mangaratiba. Foi eu mais umas outras pessoas pra Mangaratiba. Aí nós ficamos acho que uns dois anos e pouco lá em Mangaratiba. Aí o acampamento teve lá umas duas liminar lá, não saiu. Quando foi próximo de três saiu, aí eu tinha muita galinha lá já, né? Aí fiquei morando ali debaixo do viaduto da Rio-Santos seis meses.

[17:17] **Entrevistadora:** Que? Você ficou seis meses...?

[17:18] **Erlei:** É. Depois que foi todo mundo embora, aí eu falei não vou pra lugar nenhum mais agora não. Aí eu fui lá debaixo da ponte lá. É ponte mesmo ali, né? Debaixo da Rio-Santos é ponte, que passa o rio, né? Aonde é seco é viaduto. Aí eu fiquei seis meses ali. Aí depois, quando deu seis meses, o João mais o Vavá foi lá. Aí eles vieram

aqui pra Tinguá. Não ela veio, ela. Mas os outros vieram na frente. Aí, foi no mesmo período que eu fui pra lá que eles chegaram também pra ali. Eu tô atravessando a conversa, né? Aí o Vavá mais o João me pegou. O Vavá já veio na frente pra cá, pra JR, né? Aí eu fiquei um tempão aí assim, solto.

[18:11] **Entrevistadora:** Meio perdido?

[18:12] **Erlei:** É. Eu tinha abandonado o movimento, né? Aí depois que me cadastraram. Aí de lá nós viemos pra cá.

[18:22] **Entrevistadora:** Te encontraram como?

[18:23] **Erlei:** Como é que me encontraram? Ah, sempre uns pessoal ia lá me ver lá debaixo da ponte lá... um pessoal que eu conhecia. Aí nesse meio tempo, antes de vir pro acampamento, eu trabalhei nesses ônibus tudinho aí. No Caxias/Méier, Caxias/Nova Iguaçu... Aqueles ônibus de Master ali fui eu que inaugurei. Era a linha da Tinguá Velha. Não tem aquela empresa Master?

[18:44] **Entrevistadora:** Sim.

[18:46] **Erlei:** Então... Aquilo ali era Tinguá, mas era Tinguá Velha, não é essa Tinguá Nova não. Essa Tinguá Nova que tem agora ela é 'presbique' também, que eu trabalhei ali.

[18:56] **Entrevistadora:** Aí quando te cadastraram o senhor veio pra cá?

[19:00] **Erlei:** Deixa eu ver... É. Aí nós viemos pra cá, todo mundo.

[19:04] **Entrevistadora:** O senhor chegou aqui em que ano mais ou menos?

[19:06] **Erlei:** Junto com ela. Que ano foi, minha filha? Tem uns doze anos, né?

[19:10] **Bia:** É. 2007.

[19:12] **Entrevistadora:** Quando o senhor chegou aqui então... Chegou aqui e tá aqui até agora?

[19:17] **Erlei:** Tô até agora.

[19:18] **Entrevistadora:** Muito bem! Daqui a pouco a gente vai conversar um pouquinho como é viver aqui, né? Então vamo lá!

[19:26] **Juliana:** Eu sou Juliana. Eu nasci em 1974.

[19:31] **Entrevistadora:** Juliana, seu nome completo é?

[19:32] **Juliana:** Juliana Gomes Moreira. É... Eu nasci em 1974, o ano da Revolução Moçambicana... Eu adoro isso! (risos) Eu sou filha de uma empregada doméstica, uma mulher muito forte que criou quatro filhos, e o meu pai mesmo foi quem criou, né? Então, é um técnico de enfermagem, fisioterapeuta, funcionário público. A Bianca me fez chorar, agora eu fico chorando também. Então, aí minha mãe... Na verdade, a

família da minha mãe é de Natividade, eram trabalhadores rurais lá em Natividade e caíram na Baixada Fluminense, Lote XV. E eles tinham um lote dos primeiros loteamentos, daqui, né? Era muito grande. Então na casa da minha avó tinha muita árvore. Minha avó era rezadeira no Lote XV. Tirava quebranto de menino, né? Essas coisas... Minha avó passava o dia catando erva ali no entorno da casa dela. Tudo que era gente doente ia... Tenho essa memória muito viva na minha história. Mas fui criada e nascida no Rio de Janeiro. Fui criada na capital. E aí, óbvio, muitas dificuldades, mas minha mãe sempre muito forte e... Enfim, aí somos quatro filhos. E aí eu estudei e tal, mas eu saí de casa muito nova. Com catorze anos eu saí de casa porque minha mãe e meu pai brigavam muito. Aí eu falei: “Eu não quero isso pra mim não. Vou embora.”. Aí o quê que uma filha de uma empregada doméstica faz? Vai pra casa de família. Aí trabalhei quatro anos na casa de família, mas terminei meus estudos - sempre estudando à noite. Aí depois resolvi fazer faculdade. Levei três anos pra poder fazer faculdade, pra poder passar no vestibular, né? Porque não tinha aula de química, física, matemática... Nunca tive. Aí levei muito tempo, mas consegui entrar na Federal Fluminense. E em 1999, um pouco antes de entrar na Universidade, eu já flertava com o Movimento Sem Terra. Porque na verdade eu tenho uma memória do movimento desde muito menina, que eu achava sempre muito bonita aquelas mobilizações quando aparecia na tv e tal. E me remetia a história da minha avó, né? Aí, quando eu entrei na UFF, em 2000, aí eu rapidinho me envolvi no Movimento Estudantil e tudo, mas eu nunca...

[23:05] **Entrevistadora:** Você fazia o quê? Qual era a faculdade?

[23:07] **Juliana:** Ciências Sociais. Mas eu nunca me identifiquei com o Movimento Estudantil. Então, o processo foi me levando. Eu fui participar do Núcleo de Sociologia Rural com a professora Ana Maria Mota Ribeiro, minha mestra, e aí conheci Virgínia Fontes também e tal. Aí eu fui como bolsista de extensão participar, coordenar um curso de extensão que era com o Movimento Sem Terra. Isso em 2001, que era o Realidade Brasileira. Aí eu nunca mais desagarrei do Movimento. E aí coordenei vários cursos, comecei a participar do processo do setor de formação. Bia, minha dirigente; Fernanda Mateus... várias pessoas, assim, nessa trajetória. Aí coordenando esse curso... Aí em 2003 mesmo o pessoal do movimento me chamou assim: “Ju, você é nossa!”, aí eu fiquei orgânica mesmo no movimento, em 2003. Agora, quando foi... E aí sempre contribuindo da capital, né? Nessa coisa da formação, contribuindo com a questão dos projetos, prestação de contas, ajudando mais na secretaria. Mas nesse período todo também eu trabalhei dez anos com memória, com a Leonildes Medeiros, por conta dessa coisa da sociologia rural, né? E sempre muito apaixonada pela questão agrária, isso tudo. Aí quando foi em 2012... Claro que tem muitas crises, muitos processos nessas histórias, inclusive com a Universidade, eu tive muita crise com a Universidade, tanto é que eu não entreguei a monografia, eu não peguei meu título. Eu falei: “Eu não quero.” e todo mundo me assustava muito “Nossa! Mas você é muito boa. Você tem que ser isso. Mestre...” e falava: “Mas eu não quero isso. Eu não quero ser nada disso.”. Aí 2012 eu comecei a conversar com a Bia e com o Cosme, que eu já tava nucleada aqui na Baixada. Que quando teve o processo de organização do movimento, todo mundo que tava na capital tinha que ser nucleado, aí eu falei: “Eu vou pra Baixada.”. Aí Cosme e Bia eram os meus dirigentes aqui. Aí em 2012 eu comecei a falar: “Gente, eu não quero mais ficar no Rio. Eu quero ir embora. Quero ir pra uma área, quero ir pra uma ocupação... Se vocês não me derem tarefa eu vou com a mochila nas costas e vou vim das bases.”. Aí começamos todo uma discussão. Aí quando foi em 2016, eu acho, eu fui pra região Sul, pro Roseli Nunes, pra coordenar o Centro de Formação lá.

[26:18] **Entrevistadora:** Aonde fica?

[26:19] **Juliana:** Piraí.

[26:20] **Entrevistadora:** Barra do Piraí.

[26:21] **Juliana:** É um assentamento.

[26:23] **Bianca:** Não. É Piraí.

[26:25] **Juliana:** Em Piraí. É antes. Aí coordenando lá o Centro de Formação, um assentamento muito bonito, as pessoas lá muito bacanas... Aí lá foi minha escola camponesa, essa coisa de botar a mão na terra. Que coordenando o Centro de Formação não sobrava tempo... Porque eu já tava morando lá. Eu larguei a vida toda no Rio e fui pra lá. Aí teve gente amiga minha chorando “O que você vai fazer em Piraí?” (risos) “Você não tem nada a ver com roça!” porque eu era muito urbana. Quando eu tava... O último bairro que eu morei foi na Lapa, né? Eu saí da Lapa para Piraí, pro assentamento. Enfim, aí eu consegui me organizar de um jeito que eu comecei a plantar e eu vi que gostava muito de plantar. Quando eu vi, eu tinha uma horta enorme e já tava comercializando! Aí veio essa oportunidade. Aí fiquei lá dois anos coordenando o Centro. Aí veio esse processo da reocupação dos lotes aqui, desses lotes abandonados. Aí o pessoal da direção aqui falou: “Ju, agora é a hora! Você não quer? Já que você tá gostando tanto de plantar...”. Aí eu fiquei meio assustada, né? Eu falei: “Pô, um lote assim... Uma coisa mais séria, né? Compromisso mais sério...”, eu falei: “Não, essa seriedade e esse compromisso eu já tenho. Então, vamos lá!”. Aí eu topei. Falei: “Ah! Quer saber? Então vamo!”. Aí no dia 22 de fevereiro de 2018 eu vim pra cá, pra ocupação, pra esse momento, que é o segundo momento da reocupação, né? Aí hoje eu ocupo o lote 22, que chama Quilombo das Bruxas.

[28:33] **Bia:** Você sabe que número 22 é maluco, né?

[28:35] **Juliana:** É claro! (risos) Por isso que eu gosto de falar. (risos) Hoje eu sofro pra sair de lá. E tô gostando muito.

[28:55] **Entrevistadora:** Você não quer mais sair de lá, né?

[28:57] **Juliana:** É.

[28:58] **Marcos:** Ela só vem aqui para entrevistas especiais.

[29:02] **Juliana:** (risos) Verdade. Teve uma proposta de mudar de lote, eu falei: “Não, gente. Aqui eu plantei meu pé de sonho! Que é uma fala de uma companheira lá do Sebastião Ana. Eles falam isso, o casal. Falam: “Aqui eu plantei meu pé de sonho.” Aí... Enfim, acho que é isso. Aí tamos aí na resistência.

[29:26] **Carlos Elias:** Meu nome é Carlos Elias Piedade. Eu nasci 28/09/1963. Venho da cidade de Paracambi. Fui nascido e criado em Paracambi. Na minha infância eu fui criado com a minha avó. Minha Infância quase toda eu fui criado com a minha avó. A minha avó faleceu e eu continuei com o falecido meu avô - que não era meu avô, ele era padrasto do meu pai, mas de consideração ele era meu avô - aí ele arrumou uma

nova família também, aí eu tive que retornar pra casa. Aí eu fiquei um bom tempo também mantendo minha vida também sozinho, porque eu já trabalhava... Com catorze anos eu já tinha minha carteira assinada, meio salário mínimo - que é o salário de menor na época. Eu me mantive um bom tempo. Fiquei recebendo uma pensão da minha avó, que eu ajudava a minha família, meu pai e minha mãe, porque nós éramos sete irmãos. Daí eu fui fazer um estágio no Instituto Médico Legal. Fiquei estagiando no Instituto Médico Legal cinco anos e meio, em Nova Iguaçu. Dali, do Instituto Médico Legal, eu fui pra Marinha, na época. Aí eu fui pra servir, chegou na hora eu tive um excesso de contingente. Eu fiquei dois meses no exército, aí retornei pra casa. Aí voltei pro Instituto Médico Legal de novo. Aí no Instituto Médico Legal fiz um concurso pra bombeiro e eu fui reprovado. Aí, dali do bombeiro do Instituto Médico Legal, eu entrei pra Prefeitura de Paracambi. Fui ser agente de controle e zoonose. Eu era prendedor de animal na estrada. Prendia animal, fazia a fiscalização da vigilância sanitária. Aí nessa eu fiquei cinco governos na Prefeitura de Paracambi. Quando entrou o governo de PT me rebaixou. Eu era Cargo Comissionado CC1, passei a ser um assalariado de salário mínimo, fazendo as funções que eu fazia. Eu era referência também... Até esqueci de falar que eu era referência mundial da raiva. Todo animal que morria suspeito de raiva eu era acionado, entendeu? Porque eu tomava minhas vacinas todo ano, todo mês eu fazia exame de sangue pra ver minha circulação, pra ver se meu sangue tava bom, que era pra mim trabalhar na função. Dali, nessa rebaixada de salário, eu não sei se foi infelizmente ou felizmente, eu sofri um acidente. Me afastei. Fiquei no INSS oito anos. Oito anos recebendo do INSS. Não me aposentei. O INPS me deu baixa. Eu não voltei de novo pro meu trabalho porque eu não queria ser cooperado. Porque lá era uma cooperativa. O prefeito na época botou todo mundo pra ser cooperado. Aí nesse meio tempo eu tive um problema de saúde muito forte, tive uns distúrbioszinhos. Aí com a morte do meu pai - meu pai se suicidou - meus distúrbios aumentaram. Fiquei com um problema muito sério de saúde. Isso já com a minha família, né? Que eu também sou casado. Tive um problema muito sério de saúde. Aí eu comecei a fazer uma terapia, um tratamento psicológico. Aí nessa, tinha esse acampamento Marli Pereira da Silva, que eu passava sempre lá e eu via. Passava de carro com o pessoal. Me levavam pra passear, eu passava e via. Aí eu conversando com a minha médica falei que tinha esse assentamento lá e eu tava com vontade de entrar pra esse assentamento. Aí na época esse assentamento tava vazio, precisando de pessoas.

[33:35] **Bianca:** Acampamento.

[33:36] **Carlos Elias:** Acampamento, é. O acampamento tava vazio, precisando de pessoas. Aí eu fui pra esse acampamento, que é o Marli Pereira da Silva, que é lá em Paracambi também. Me acolheu. Dali nós fizemos um trabalho de base e conseguimos colocar setenta e poucas famílias no acampamento, nesse trabalho de base que nós fizemos. E pra mim ali foi uma terapia. Pra mim, a minha cura foi ter entrado pro movimento. O movimento me ensinou muito, muito. Eu aprendi muito pelo movimento. Eu era uma pessoa muito arrogante, uma pessoa muito nervosa, sabe? Então, o movimento me ensinou muito. Eu comecei a fazer uns cursos pelo movimento. Eu sou muito grato pelo movimento ter vindo os cursos que eu fui fazer. Fiz curso em São Paulo, fiz curso em Piraí, onde ela falou, na sede. Tem vários cursos que eu fiz... Tem o curso de educação e saúde também, que eu fiz pelo movimento. Muitos cursos. Então, o movimento pra mim, até hoje, é uma terapia. Tudo que eu sou grato hoje devido a minha saúde é ao movimento. O movimento me educou muito. Mas me educou muito mesmo! Eu sou muito grato ao movimento. E sou feliz, muito feliz, por ter vindo pro movimento. Que eu era da cidade também. A minha família também... A minha avó

plantava. A minha avó também tinha plantação na época, né? Mas eu não era desse ramo de plantação, de viver de agricultura. Eu tinha o meu emprego. Mas pra mim, eu tenho muito que agradecer ao movimento. Deu tá aqui hoje podendo tá aqui falando com vocês, me sentindo bem em tá aqui. Eu sou muito grato. Porque, olha, eu tive uma tragédia muito forte, né? Que eu falei da morte do meu pai - do suicídio do meu pai. Eu esqueci de falar também, eu tive um irmão também que se suicidou. Meu irmão também se suicidou. Então vem de duas pessoas da família o suicídio. Eu também já tentei me suicidar várias vezes. Depois que eu entrei pro movimento não, graças a Deus! Foi uma terapia, como eu falei. Pra mim foi uma terapia. Foi aonde eu me curei. Até hoje quando eu passo pela médica, pela minha doutora, de três em três meses, eu falo pra ela do movimento, eu falo pra ela dos cursos, eu falo de tudo. Que ela é minha médica desde o início do meu acidente. Ela falou para mim que foi a melhor coisa eu ter entrado pro movimento. Então eu tenho muito que agradecer ao movimento.

[36:15] **Entrevistadora:** Ok. Deixa eu fazer uma pergunta: O senhor planta o que?

[36:18] **Carlos Elias:** Eu planto berinjela, maracujá... Eu tenho uma horta... Eu tenho plantação de aipim, abacaxi, bananeira... fiz bananal. Eu entrei no projeto da PAS, crio as galinhas, eu tenho muita galinha lá. Todos nós que entramos no projeto temos as galinhas. Então, isso pra mim é uma terapia. Poxa, pra mim... Eu não tenho nem palavras pra falar o que eu sinto hoje. O tratamento que aconteceu comigo devido eu ter entrado pro movimento.

[37:01] **Entrevistadora:** Qual o seu nome?

[37:02] **Miriam:** Meu nome é Miriam Firmino de Oliveira.

[37:05] **Entrevistadora:** Você nasceu quando?

[37:06] **Miriam:** Eu nasci em 1971.

[37:09] **Entrevistadora:** Aonde?

[37:10] **Miriam:** Nasci em Teresópolis, mas fui criada no interior do Rio de Janeiro, lá em Varre-Sai.

[37:17] **Entrevistadora:** Ah! Você foi criada em Varre-Sai!

[37:19] **Miriam:** Fui.

[37:20] **Entrevistadora:** E lá, como é que foi? Como é que você saiu de lá de Varre-Sai?

[37:24] **Miriam:** Então... Em 1985 teve uma crise no campo e eu sai da região da Varre-Sai e vim pro Rio de Janeiro trabalhar em casa de família. E lá eu plantava, colhia, cuidava de gado, cuidava de galinha... Numa agricultura familiar, né? São camponeses os meus pais, meus tios, meus avós... Meus parentes. E vim pro Rio trabalhar em casa de família pra levar o mínimo pra dentro de casa, que daí já não tinha mais como plantar no campo. Porque veio aquela crise e abriram as cercas e colocaram os gados dentro dos lugares que plantavam milho, arroz, feijão, café... era uma procura bem forte desse ramo, né? E aí no caso eu vim pro Rio e tenho trinta e três anos que eu moro na Baixada. Pertencendo a Nova Iguaçu, mas quando eu vim pro movimento aqui

eu quase não conhecia. Eu conheci o movimento... Eu conhecia de ouvir falar e depois eu estive aqui no convite de um aniversário em 2017, no aniversário do assentamento, que foi lá na Sindipetro, em Tinguá. E aí nesse dia pra cá dormi aqui no assentamento. Primeira vez que eu tinha vindo aqui dentro desse assentamento, porque o primeiro assentamento mesmo que eu tive foi o São Bernardino. Mas aí nem parece mais, né? Depois de trinta anos ali, muito próximo a Vila de Cava, nem parece que é assentamento mais. Me lembro daquela ocupação. Estava aqui no Rio na época e aí vim passear, vim nessa festa do assentamento, que foi acho que dia 20 de novembro, uma coisa assim. E aqui anoiteci na casa do Cosme mais da Bia. Outro dia dei uma volta nesse quilombo, que eu nunca tinha vindo. Achei super interessante. E depois a minha irmã gêmea... Porque eu e a minha irmã fomos contempladas com um lote, né? Lá em cima, perto do Arco. E aí nós fomos convidadas pra vir na reunião. Nessa reunião nós fomos convidadas a estar. Achei legal. Queria mesmo parar com essa vida de Rio de Janeiro, estresse... Aí vim pra cá. Tô gostando pra caramba. Aí contribuo aqui com o que eu posso. Agora tô organizando o sítio mais um pouco pra fazer os plantios de arroz, de feijão, de milho, hortaliça, galinheiro, essas coisas. Tentar melhorar a renda. A aposentadoria nós não vamos praticamente ter, então... Pensar em alguma coisa pro futuro, né? E sou vovó de dois netos: Maria Luna e Lionel. E a minha irmã também teve a netinha dela agora esse ano, esse mês, né?

[41:06] **Entrevistadora:** Aqui você mora com quem?

[41:07] **Miriam:** Eu e minha irmã.

[41:08] **Entrevistadora:** Ai, que barato!

[41:09] **Miriam:** Nós duas que fomos contempladas.

[41:11] **Bia:** É o lote das gêmeas.

[41:12] **Entrevistadora:** Ah! É o lote das gêmeas.

[41:14] **Miriam:** Isso. Eu sou uma das gêmeas. Aí tem a trigêmea emprestada, porque essa criatura aqui é a nossa trigêmea. Quando eu não estou, ou a Miriã não está, ela que faz a parte aí. Então, nós três tamos juntas, né, Ju? Aí eu chamo Miriam e a minha irmã chama Miriã. É bem fácil.

[41:42] **Entrevistadora:** (risos) Bem fácil. Miriam e Miriã. Muito fácil! Vamos lá, Cosme? E você, Cosme, nasceu quando?

[41:51] **Carlos Antônio:** Cosme não, Carlos.

[41:52] **Entrevistadora:** Carlos. Desculpa.

[41:56] **Carlos Antônio:** Meu nome é Carlos Antônio.

[41:58] **Entrevistadora:** Você nasceu quando?

[42:00] **Carlos Antônio:** Dia 09/02. Sou lá de Miguel Pereira. Quer dizer, meu pai e minha mãe que eram de Miguel Pereira e eu acompanhava eles lá.

[42:16] **Bia:** É desde a origem do assentamento.

[42:18] **Entrevistadora:** Então você já tem uma experiência desde a infância também em assentamento? Você é originário de assentamento?

[42:24] **Carlos Antônio:** É. Tá no DNA. (risos)

[42:27] **Bia:** O Terra Prometida começou lá.

[42:28] **Carlos Antônio:** Tá no DNA do meu pai. Sempre quem ficava no assentamento lá era meu pai, eu trabalhava fora. Eu tinha meu emprego e só ia pra lá final de semana. E meu pai e minha mãe ficava lá. Aí final de semana eu ia. Porque eu sempre gostei de roça e tal, mas eu tinha meu emprego. Eu trabalhei numa empresa há dezenove anos. Sempre trabalhei em empresa. Aí final de semana eu vinha pra roça pra ajudar meu pai e na segunda-feira eu retornava pra minha vida zona sul e tal, lá pra baixo. Eu trabalhava numa empresa chamada Rede D'Or. Essa rede de hospital Barra D'Or, Labs D'Or... Dezenove anos encarregado de manutenção. E sempre acompanhei meu pai em Miguel Pereira. Depois veio pra Santa Cruz, ficava acampado em Santa Cruz - tem um assentamento também em Santa Cruz- ficava acampado lá.

[43:29] **Entrevistadora:** Qual era o nome do assentamento em Santa Cruz? Era Santa Cruz mesmo?

[43:32] **Carlos Antônio:** Terra Prometida.

[43:33] **Entrevistadora:** Era Terra Prometida já.

[43:35] **Bia:** A ocupação é lá em Miguel Pereira.

[43:39] **Carlos Antônio:** Aí Miguel Pereira, Santa Cruz... Aí depois de Santa Cruz viemos pra cá. Aí meu pai ficou acampado numa barraquinha - todo mundo ficou acampado num barraco ali naquelas mangueiras ali - e eu vinha todo final de semana. Final de semana eu vinha pra cá pra ajudar ele e tal... Agora vai fazer um ano que ele faleceu. Ele ficou doente... Vai fazer um ano já, né, Bia?

[44:09] **Bia:** Porque ele ficou doente e ficou fora daqui.

[44:11] **Carlos Antônio:** Ficou fora. Entre a doença e que ele ficou fora vai fazer um ano. Aí ele adoeceu, né? Tivemos que internar ele lá em Paracambi. E eu ainda tava nessa vida trabalhando e tal... Aí chegou num ponto que eu falei assim: "Pô vou ter que decidir, né? Ou eu fico fora trabalhando ou então vou abandonar tudo.". Aí, como eu acompanhei a luta do meu pai, eu sei a dificuldade que ele passou, né? Chuva, sol, dormindo no chão... Aí eu falei: "Não vou deixar.". Aí teve uma proposta da empresa lá pra ir pra São Paulo, da rede de laboratório. Metade dos laboratórios Labs D'Or foi vendido e eu tava nessa faixa aí. Aí pediu pra mim ir pra São Paulo. Aí eu falei: "Pô, como é que eu vou pra São Paulo se a minha família tá aqui no Rio? Não tem como eu ir pra São Paulo. Vamos fazer um acordo: eu me desligo da empresa e a gente toca o barco, né? Eu vou seguir minha vida.". Aí aconteceu isso, juntou o útil ao agradável. Eu já queria ficar aqui mesmo, né? Aí eu assumi o lote do meu pai. Tô tocando o barco aí, né? Seguindo em frente aí a proposta que ele deixou pra mim, pra mim seguir em

frente. Antes de falecer ele pediu isso: pra mim tocar o barco, entendeu? Seguir em frente. Pra não abandonar.

[45:36] **Entrevistadora:** E o que você tá plantando?

[45:37] **Carlos Antônio:** Eu? Aipim, maracujá, banana, laranja, limão... planto tudo. Tô aí seguindo o barco dele até onde der também. Se Deus quiser a gente vai seguir em frente.

[46:01] **Entrevistadora:** Ok. Bom, antes da gente continuar eu vou pedir que cada um fale seu nome completo, um por um, pra gente poder colocar ali, tá certo? Começando por aqui.

[46:14] **Carlos Elias:** Meu nome é Carlos Elias Piedade.

[46:16] **Juliana:** Juliana Gomes Moreira.

[46:19] **Erlei:** Erlei Rodrigues.

[46:20] **Bia:** Ana Beatriz de Carvalho.

[46:23] **Carlos Antônio:** Carlos Antônio da Cruz.

[46:24] **Bianca:** Bianca Gomes.

[46:27] **José:** José Antônio da Silva.

[46:29] **Miriam:** Miriam Firmino de Oliveira.

[46:31] **Entrevistadora:** Muito bem. Agora nós vamos pensar um pouquinho aqui como é a história desse assentamento. Quando esse assentamento começou... Um pouco essa história, né? E como é viver nesse assentamento Terra Prometida, aqui entre os municípios de Duque de Caxias e Nova Iguaçu. Então vamos lá. Quando é que começou a história desse assentamento? Bia, você se lembra aí?

[47:02] **Bia:** Então... A história do assentamento Terra Prometida ela tem esse processo de migração. Que o nome "Terra Prometida" foi batizado lá em Miguel Pereira, na Fazenda Santana, em 28 de novembro de 1999. E aí depois tem um processo de reintegração de posse. Um ano depois vai pra Santa Cruz. E aí Santa Cruz em 2006/2007 vem pra cá entre Nova Iguaçu e um ano depois Duque de Caxias. Porque primeiro a gente fica acampado todo mundo junto na JR Paraíso. Aí depois que a gente, alguns meses depois, a gente vem pra cá, 14 de abril.

[47:52] **Entrevistadora:** Quanto tempo vocês ficaram nesse acampamento da estrada, JR Paraíso?

[47:59] **Bia:** Não, ali já era dentro da Fazenda. Só que não cabia todas as famílias. Que eram setenta e quatro famílias e lá só comportou onze famílias e aí a gente precisava de uma nova área pra caber as outras famílias. E aí era um processo de uma fazenda do lado que acabou não sendo arrecadada pra reforma agrária e foi essa daqui que foi

escolhida, que era uma fazenda que podia ser desapropriada pra fins de reforma agrária, que é a Fazenda Sempre Verde.

[48:37] **Entrevistadora:** Quando é que vocês começaram as primeiras ocupações aqui na Fazenda Sempre Verde?

[48:42] **Bia:** Foi nessa entrada aqui. Ficou um núcleo mais ou menos ali na entrada - nas árvores aqui no início - e outro embaixo das mangueiras, que se a gente for andar um pouquinho ali a gente vai ver.

[48:55] **Entrevistadora:** Aí vocês montaram primeiro as barracas?

[48:59] **Bia:** Primeiro as barracas. Porque a gente veio da JR Paraíso e algumas famílias ficaram lá - que tinha estrutura, né? Que foi montada, na época, pelo Estado. Porque a gente já veio de Santa Cruz pra uma área que deveria virar assentamento em seis meses e aí não virou. A gente falou assim: "A gente tem que tá dentro da nossa terra, porque a gente quer produzir, a gente não quer ficar acampado aqui sem saber onde é a nossa terra, onde a gente pode produzir.". Então iniciou um processo de acirramento pra gente vir pra uma outra área. E aí a gente vem pra essa área aqui.

[49:39] **Entrevistadora:** Quem decidiu que vocês viriam pra cá, então, foi o próprio movimento?

[49:44] **Bia:** É. Porque a outra área que deveria ser comprada não foi. Ficou naquela coisa... Tá todo mundo ainda em barraco de madeira e de lona e a gente querendo ir pra terra, né? E não saindo o processo. A gente tava vendo que já tava ficando... Que tava lento o processo. Então a gente falou assim: "Vamo pra dentro da terra, que a gente aumenta a pressão pra ver se as estruturas, as infraestruturas que foram prometidas, se elas acontecem.". Aí a gente vem pra cá, pra dentro dessa fazenda aqui e aí começa a discussão do processo do PDA, do Plano de Desenvolvimento do Assentamento, que foi feito por uma equipe técnica chamada Gra, que foi contratada pelo ITERJ pra ser feito, né? E aí foi feito o parcelamento dos lotes e aí a gente teve muito problema aqui com boi de fora do assentamento. E era muito difícil a gente se instalar dentro dos lotes. Teve um processo que ainda é duro até hoje. Mas a gente, pra ir retomando o processo dos lotes, a gente começou a organizar... Primeiro a gente organizou as moradias aqui na vila, pra depois ir pros lotes.

[50:59] **Entrevistadora:** Aqui você chama de vila?

[51:01] **Bia:** É. Pra gente, na verdade, é. Era pra ser. Na verdade, assim, essa... São pequenos lotes. Porque o assentamento, a área onde foi a maioria dos lotes é uma área baixa, né? Que tá no fundo do Rio Iguaçu. E que tem o processo de alagamento. E aí a gente não tinha condição de construir casa - sem crédito, sem nada - de construir as casas nos lotes. Então a gente foi e começou a ocupar essa parcela de terra que sobrou do parcelamento dos lotes. Na divisão ficou essa faixa de terra. Aí a gente foi e falou pro ITERJ: "Por que não anexar os núcleos de moradias na vila ao lote nosso de terra?". Foi assim que aconteceu. E aí quem não conseguiu fazer lá embaixo, lá dentro dos lotes, fez aqui na vila. Só que aí com o tempo... Nada mais do que o tempo pra dizer que a melhor coisa que tem é tá dentro do lote pra poder viver e produzir melhor.

[52:05] **Entrevistadora:** O que que você produz, Bia?

[52:07] **Bia:** A gente tá investindo agora nas hortaliças. Mas tenho bastante citrus: limão, tangerina, laranja... Aipim, maracujá, inhame... E aí cada tempo a gente às vezes vai alterando, mudando... Agora colocando um pouco de pupunha na terra, né? E galinha, porque a gente tem ovos também. E é isso. E aí a ideia é agora avançar com mais couve, alface... bastante hortaliças aí. E eu tenho um cuidado especial que é... Fez três anos ontem. Meu pai taria fazendo oitenta e um anos dia 27 de maio e ele faleceu com setenta e oito anos. E tinha quatro décadas que meu pai preservava uma semente de milho que ele tinha, né? E eu hoje sou a principal multiplicadora dessa semente. Eu ganhei essa maravilhosa herança do meu pai e eu quero ter essa responsabilidade de multiplicar essa semente que a nossa família apelidou de milho Adir. Um milho crioulo que eu quero reproduzir pra que muitas pessoas possam conhecer. Que a minha mãe também continua tendo a reprodução dessa semente, mas a gente com muito carinho... É um legado do meu pai esse cuidado. E a semente é Patrimônio da Humanidade e a gente não tem que comprar a semente. Não tem que ficar à serviço das grandes empresas. A gente tem que multiplicar, produzir, cuidar das nossas sementes. Ter esse processo de cuidado. E aí eu tô nessa tarefa. Espero conseguir dar conta dessa missão. Eu sei que aonde ele tá, ele tá vendo aí o cuidado, né? Tá de pouquinho em pouquinho, mas a ideia é a cada ano ir aumentando, né? E cuidando pra que a gente possa compartilhar, né? Que semente tem que ser patrimônio do povo, né? À serviço da humanidade.

[54:31] **Entrevistadora:** E o senhor? O que o senhor produz? O senhor já falou o que o senhor produzia... Que que o senhor quer produzir? Porque já que o senhor já falou o que o senhor já produz, o que que o senhor quer produzir mais?

[54:46] **José:** Agora eu tô querendo produzir bastante arroz.

[54:50] **Entrevistadora:** Acha que vai dar arroz aqui?

[54:52] **José:** Tem como.

[54:54] **Entrevistadora:** Tem área de umidade?

[54:55] **José:** Tem. Tem bastante! É o que mais tem. (risos) Só falta coragem.

[55:02] **Entrevistadora:** Tem que ter coragem. Ele tava falando de coragem... Então eu queria saber aqui como é viver... Primeiro poderíamos pensar as dificuldades? Depois a gente pensar as coisas boas? Como é? O que é difícil viver aqui nesse lugar?

[55:19] **Erlei:** O mais difícil é o trator atrapalhar a terra. Igual ele queria plantar arroz, eu também queria muito mesmo. Eu queria ver isso aí cheio de arroz mesmo. Continuar plantando as outras coisas, mas encher de arroz. Também não tem máquina pra fazer o arroz, né? Pra cultivar ele.

[55:36] **Entrevistadora:** Vocês produzem sem máquina?

[55:39] **Erlei:** Por enquanto, não senhora.

[55:43] **Entrevistadora:** Que que vocês tem de equipamento?

[55:45] **Erlei:** De equipamento? Nenhum. Pra arroz não. Não tem equipamento pra nada quase.

[55:52] **Juliana:** Na verdade o assentamento tem, mas tá tudo sucateado. Porque treze anos sem manutenção... Então tá tudo sucateado.

[56:00] **Entrevistadora:** Então vocês têm que se virar?

[56:01] **Erlei:** É. E também é pago pra gente, né?

[56:04] **Marcos:** O trator que passou aqui de quem era?

[56:06] **Erlei:** É particular.

[56:08] **Entrevistadora:** Então, às vezes, vocês - quando sobra um dinheirinho - pode alugar um equipamento?

[56:14] **Juliana:** Mas a gente... Por exemplo, nos nossos lotes - eu e a Bianca, principalmente aqui, Miriam também - os nossos lotes são mais baixos. Então, a gente tá muito perto do Rio Iguaçu...

[56:28] **Erlei:** E eu também.

[56:30] **Juliana:** É porque você tem aquele pedacinho lá... Então, o Carlinho também. Os nossos lotes são mais baixos. Que é bem lá no final ou o que seria o início, não sei, da 28 de novembro. Então no verão é muito encharcado. O solo é muito encharcado e a gente sofre inundação mesmo. Na verdade toda a fazenda inunda, mas os nossos lotes inundam mais. Então, assim, a gente demora... Mesmo que a gente tenha dinheiro pra pagar o trator, a gente demora. Você sabe que ninguém quer ir porque a terra tá encharcada e porque a estrada é horrorosa. Aí os tratores não querem chegar lá. Por isso que veio essa ideia da gente plantar arroz. Porque, na verdade, estudando a história aqui da produção na Baixada, tem esse histórico do arroz.

[57:19] **Entrevistadora:** Essa fazenda tinha muita produção de arroz!

[57:23] **Juliana:** É aí a gente... Quando chega essa leva nova aqui eu fico fazendo esse trabalhinho de base “todo mundo, vamos plantar arroz!”. E na verdade foi um companheiro, o Seu Joaquim - vou fazer créditos ao Seu Joaquim - trabalhador rural, assentado lá no Roseli Nunes, que é produtor de arroz lá, ele vende lá no Terra Crioula, o pessoal vende o arroz dele. E quando eu fui me despedir dele, que eu tava saindo do Roseli, aí ele falou: “Mas pra onde você vai, minha filha?”, aí eu falei: “Vou num lugar assim, assado... Mas tem uma dificuldade: lá inunda.”, “Inunda? Me fala como.”, aí eu falei pra ele, aí ele: “Planta arroz, minha filha. Vai ficar rica!” (risos). Aí eu cheguei aqui “Gente, eu vou plantar arroz! O Seu Joaquim disse pra eu plantar arroz!” (risos) Claro que vai ter que enfrentar os desafios. Aí a gente agora tem um grupo de mutirão, aí a gente tá trabalhando... Hoje de manhã a gente tava até conversando: “Gente, vamos fazer o nosso planejamento porque o marco é até outubro. Porque, né? Ou você planta no início ou você planta... São sete meses. Outubro pra gente aproveitar a cheia. Então, assim, isso é uma dificuldade. Por isso até que...

[58:40] **Entrevistadora:** Você falou uma coisa bacana. Você falou assim: vocês fazem um plano de trabalho e vocês fazem mutirão. Como é que funciona isso?

[58:48] **Juliana:** Então... Agora a gente tá com um grupo do processo de reocupação - que nem todos aqui fazem parte - Daqui tá eu, Moura, Miriam, a Bianca... A gente está num coletivo de mutirão pra gente avançar mesmo na produção. Até porque a Bianca tem um companheiro amigo que ajuda a cuidar do lote, mas ela que tá a frente da produção. Eu cuido do meu lote sozinha; as gêmeas, sozinhas; aí tem a Luzia que também o marido trabalha fora e cuida do lote sozinha. Aí a gente conversando falou assim: "Gente, a gente não tem que ficar sozinha.". E o Seu Ismael também cuida do lote sozinho, porque o Terra Prometida tem essa particularidade... As famílias com essa dificuldade: estrada que não existe, energia que não existe... Porque, eu gosto de falar, aqui tudo é auto gestado. A energia aqui é processo de auto gestado pra fazer o famoso gato e só assim que em treze anos as pessoas têm energia. Porque senão não teria nada.

[59:54] **Entrevistadora:** Mas vocês falaram uma vez que a iluminação aqui é precária.

[59:58] **Juliana:** Sim. Porque gato com a distância de puxar, o fio oscila, não vira uma geladeira...

[60:12] **Bia:** A gente até quer pagar. Porque assim, solicitar uma energia elétrica é direito nosso. E assim, como eles não vem instalar, a gente não vai ficar sem energia, né? Sem acesso básico de ter uma bomba pra poder puxar uma água, de ter uma luz pra iluminar a casa... Aí por isso que é feito uma luz irregular. Agora, tem todo um trâmite de luta pra que seja feito...

[60:41] **Entrevistadora:** Mas você tinha me falado que a luz é pouca, que você não consegue ter geladeira.